

CA — TÁ LO — GO

EXPOSIÇÃO DE CARTOONS

ANTÓNIO — O CARTOONISTA

ANTÓNIO ANTUNES

31 DE MAIO a 14 DE JULHO

ESTRADA DE BENFICA, 529, 1549-020 LISBOA



Antunes

ESPAÇO
ARTES
POLITÉCNICO DE LISBOA

ESCS
ESCOLA SUPERIOR
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

António – O Cartoonista

«Semanalmente, no Expresso, o António ri de tudo, incluindo (ou especialmente) do que é sagrado. Quando a comédia é entendida como uma agressão, como agora parece ser cada vez mais o caso, rir de tudo pode ser uma vocação perigosa. O traço do António opera uma distorção grotesca sobre a realidade, mas mostra-a com mais clareza do que quando olhamos diretamente para ela. É esse o paradoxo: uma caricatura é um exagero exato. E é por isso que os cartoonistas são (e o António tem-no sido várias vezes) o canário na mina que mede a robustez da liberdade de expressão. Exagera, portanto é o primeiro a ser coartado. Ou seja, quanto mais livre ele se mantiver, mais liberdade teremos nós.»

Ricardo Araújo Pereira

Falar sobre António ou melhor escrever, sobretudo sobre a sua obra, é uma tarefa relativamente fácil, já que se trata de um dos mais relevantes cartoonistas mundiais. Importa antes demais estabelecer uma genealogia, sendo obrigatório referir desde logo, o muito relevante trabalho de Raphael Bordalo Pinheiro, numa linha onde haverá que citar outros autores como Amarelhe, Stuart de Carvalhais ou José de Lemos, sendo ainda de citar, já contemporâneos de António, com atividade antes e depois da Revolução de Abril de 1974, Augusto Cid e José Vilhena.

Numa exposição patrocinada por uma instituição onde o ensino e investigação são muito relevantes importa referir-se, sobretudo relativamente a este último, José Vilhena, que já foi alvo de trabalhos de investigação, nomeadamente uma tese de mestrado realizada por Rui Zink - O humor de bolso de José Vilhena, como Raphael Bordalo Pinheiro, cuja obra vem sendo alvo de análise num número já significativo de teses de doutoramento. Falta agora fazer o mesmo relativamente a obra de Augusto Cid e, sobretudo, de António, embora neste último caso já exista um número relativamente importante de obras que documentam a sua obra, mas continua a faltar objetivamente uma análise crítica de vulto a esta mesma. Assim, não obstante várias obras analisarem o trabalho de António, fica a faltar esse reconhecimento pela Academia, sendo a exposição no Espaço Artes – Politécnico de Lisboa e no espaço de exposições da Escola Superior de Comunicação Social o primeiro passo nesse sentido.

Considera-se que o caso de António é muito diferente de todos os outros cartoonistas portugueses, já que é efetivamente o único que atingiu relevância mundial, quer pelos prémios recebidos, quer pela circulação internacional dos seus trabalhos, quer ainda pela sua importante atividade na divulgação do Cartoon, não só os da sua autoria, mas dos autores mais relevantes que se dedicam a esta forma de Arte, não só nacionais, mas também internacionais.

Inicia a carreira como cartoonista no diário República, com a publicação de um primeiro cartoon no dia 16 de março de 1974, quando o movimento dos capitães já estava em curso, exatamente no dia do “Levantamento das Caldas” que anunciava o 25 de abril.

Das suas primeiras obras, importa também de referir a banda desenhada Kafarnaum, publicada no semanário Expresso, que sintetiza o período pós-revolução designado como PREC, para uns, os mais engajados, “Processo Revolucionário em Curso”, para outros, mais críticos, “Processo Revolucionário Eventualmente Chocante” (fig. 1).



Figura 1 – António – Kafarnaum, 1975

Importa, ainda, escarpelizar um pouco a ligação de António ao jornal Expresso desde 1974 e onde continua a publicar. Trata-se do mais importante periódico português, a todos os níveis, pela tiragem semanal, pela qualidade dos colaboradores, mas sobretudo pela intervenção que tem feito na sociedade portuguesa quer antes, quer depois da revolução do 25 de abril. Aqui, António tem a confiança dos vários diretores, que lhe dão a inteira liberdade de escolher semanalmente um tema nacional ou internacional que queira caricaturar, salientando-se que, nas várias polémicas que provocou e vai provocando, teve e tem sempre a total solidariedade daquela instituição.

A sua atividade na imprensa não se limita ao Expresso, assim, as caricaturas de António foram ainda publicadas em vários outros periódicos, como o matutino Diário de Notícias, os vespertinos A Capital e Diário Popular, ainda no semanário Vida Mundial, curiosamente numa altura em que era dirigido pela escritora Natália Correia, no Courrier International, chegando ainda a colaborar episodicamente com a Radiotevisão Portuguesa (RTP), de onde saiu pela inadmissível tentativa de interferência nos seus critérios editoriais.

Há, ainda, que falar da sua internacionalização, devida não apenas aos certames onde apresenta os seus trabalhos, mas também pela distribuição internacional que estes têm, sendo distribuídos, por exemplo, nos Estados Unidos da América pelo importante Cartoonists & Writers Syndicate, uma divisão da CartoonArts International.

A sua obra vai tendo particular repercussão e mediatização, a que não são alheias as polémicas derivadas dos cartoons que vai publicando, a propósito de eventos mundiais a que assiste e que tantas vezes o revoltam. Veja-se o impacto do seu cartoon a propósito do campo de refugiados palestinianos de Shatila, que provocadoramente baseou na fotografia do rapaz do gueto de Varsóvia, uma das mais emblemáticas relativas ao Holocausto, e que renomeou como O gueto Varsóvia em Shatila, valendo-lhe um prémio de dimensão mundial, o Grande Prémio do Salão Internacional de Cartoon de Montreal, Canadá, 1983, mas também a ira da comunidade judaica; a enorme indignação que provocou junto dos católicos a publicação da sua representação do papa João Paulo II com um preservativo pendurado do nariz, Preservativo papal, a propósito da discussão da contraceção. O escândalo mais recente, provocado pela publicação de uma caricatura do presidente Trump, intitulada Pax canina no New York Times, de tal forma consequente, que motivou que este periódico deixasse de publicar caricaturas, com prejuízo óbvio dos seus leitores e um empobrecimento claro da linha editorial, sendo também evidente a perda neste periódico de uma função fulcral da imprensa, a de fomentar um pensamento crítico nos seus leitores, algo que se vai perdendo com acefalia do politicamente correto.

Consta que Paul Conrad, um dos mais respeitados cartoonistas mundiais, vencedor de três prémios Pulitzer, se terá queixado que no presente não se sabe o que pensa um cartoonista. Não há tal na obra de António. Sabemos muito bem o que pensa relativamente aos assuntos que trata nas suas caricaturas. Não se exime, nem se isenta, de exprimir de que lado da barricada está. Assim, não se limita a olhar, mas intervém, com escolhas, próprias, com as quais se pode concordar ou, pelo contrário, discordar totalmente, mas no fundo é esse o papel dos cartoons políticos: incomodar as consciências normalmente descansadas e fazer pensar.

Numa entrevista dada a Luís Humberto Marcos, por ocasião da exposição de comemoração dos 25 anos de atividade como cartoonista, no Museu da Imprensa, António teve ocasião de esclarecer um ponto muito relevante para a compreensão da sua obra. É relativo à sua militância política, sendo claramente e linearmente afirmado que é um militante do regime democrático, um regime que considera ser o melhor que conhece. Há, assim, um engajamento, uma luta pela justiça em que acredita, em que se empenha, que assume e pela qual dá a cara, o que lhe tem valido muitos dissabores, mas também o reconhecimento, do qual um marco maior é a condecoração, pelo presidente da República Portuguesa e seu antigo diretor no Expresso, Marcelo Rebelo de Sousa, com a Ordem da Liberdade.

A fama de António não deriva apenas de uma obra "escandalosa". Isso não é verdade. A fama deriva da qualidade dos seus cartoons, da sua acuidade, da forma como faz a sua caricatura, encontrando conexões que outros não estabeleceram, como o aproveitamento da mancha que o líder soviético Gorbachov tinha na testa, que o cartoonista transformou numa mapa-mundo; da forma como, através do desenho, nos permite uma compreensão de quem é representado, como o caso da emblemática galeria de caricaturas de escritores portugueses, onde soube captar a essência dos retratados, sendo disso exemplar a caricatura de Natália Correia (fig. 2).

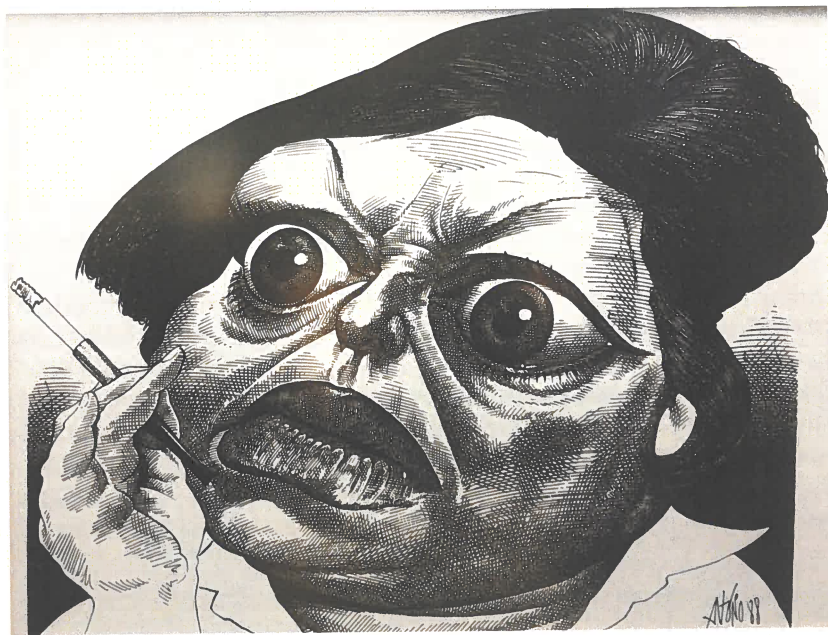


Figura 2 - António - "Natália Correia", 1988

Um aspeto que importa não escamotear, que é mais raramente focado, é a análise da obra de António enquanto Arte, ou seja, como instaurador plástico e como tal reconhecido, como o provam as muitas exposições individuais internacionais que já realizou, das quais se destacam, entre várias, as mostras do Rio de Janeiro, Dusseldorf, Macau, Madrid ou Paris, tendo a sua obra sido já alvo de várias antologias, tendo ainda as suas obras integrado várias compilações internacionais de Cartoon.

A este respeito não será alheia a sua formação na Escola António Arroio, na área da Pintura, onde teve notáveis professores como João Vieira, ou Dorita Castel-Branco, que lhe deram uma sólida formação na esfera das Artes Plásticas e onde, paralelamente a uma representação mais naturalista, a obrigatoriedade dos currículos escolares, era estimulada a experimentação, surgindo assim naturalmente a exploração da caricatura enquanto linguagem artística.

Importa ainda referir uma atividade continuada na esfera do design visual, mas também na área da escultura, com um número de obras significativas, elegendo como materiais privilegiados a cerâmica e o bronze.

Realizou já um conjunto de obras onde alia a caricatura à escultura, quer de políticos que retratou, como os presidentes da República, Ramalho Eanes, ou Mário Soares, este objeto de várias representações, como Diabo ou Buda, mas também Sigmund Freud, ou Fernando Pessoa a quem, de tempos a tempos, regressa. Não se fica, no entanto, por meras personagens nas suas esculturas, o planeta preocupa-o e a sua escultura Sede de Água onde, de uma torneira, sai uma última gota de água com o perfil de um globo terrestre (fig. 3), é exemplar da sua forma de manifestar escultoricamente a sua militância por um planeta mais sustentável, merecendo claramente a passagem para uma escala monumental e uma implantação urbanística.



Figura 3 – António – “Sede de água”

Paralelamente às suas publicações, António continua, por conseguinte, a produzir obra escultórica, quer em medalhística, quer de vulto perfeito, que vai expondo em galeria. Foi o reconhecimento da qualidade inusitada do seu trabalho enquanto escultor que lhe valeu uma encomenda para uma obra pública, o monumento a Álvaro Guerra (fig. 4), que é absolutamente exemplar do que, num país parco de escultura contemporânea monumental e pública, deve ser uma obra com implantação urbanística, valendo mesmo a pena confrontar esta obra com outras de recente criação a vários níveis, desde a qualidade da obra, a capacidade de captar o homenageado, o aspeto inovador da representação, ao local onde está colocada, aspetos que bem poderiam funcionar como um manual de como se deve fazer.



Figura 4 - António - "Álvaro Guerra", 2016

António foi ainda o responsável por todas as obras de arte existentes na estação do aeroporto do Metropolitano de Lisboa (fig. 5). Esta obra, ao nível da arte pública, tem características, dimensão e visibilidade, que importa referir, sendo um caso muito raro em termos mundiais.



Figura 5 – Estação de metro “Aeroporto”. Caricaturas de António – “Suart Carvalhais” e “Amadeu de Souza Cardoso”, 2012

A respeito desta obra monumental Joaquim Vieira fez uma análise magistral e filia-a e compara-a ao momento mais relevante de toda a história da caricatura portuguesa até então, a publicação do famoso Álbum de Glórias do já referido Raphael Bordallo Pinheiro. Tal paralelo é, sem dúvida, uma honra maior, já que é comparado e comparável ao que de melhor alguma vez se produziu em Portugal em termos de caricatura. Efetivamente o Álbum de Glórias foi, talvez até ao presente, o momento mais relevante da caricatura portuguesa, com a publicação iniciada em março de 1880, de folhetos com litografias de caricaturas dos mais importantes portugueses desse tempo. Assim, quando António faz um apanhado dos maiores vultos portugueses de diversas áreas, da política ao desporto, passando pela cultura, que ficaram de alguma forma ligados à cidade de Lisboa, porque nela nasceram, habitaram ou tiveram a sua atividade profissional, renova esse mesmo álbum de glórias com verdadeiros portugueses notáveis, neste caso e ao contrário de vários dos caricaturados por Raphael, com alguns bem “inglórios” e cheios de telhados de vidro.

Haverá ainda que mencionar o número e a escala, são cinquenta os retratados e a escala é aumentada, com cerca de dois metros de altura cada representação, mas também a qualidade da representação, com os retratados sendo facilmente identificáveis através das suas características fisionómicas, mas também através de atributos iconográficos sabiamente escolhidos.

António fundou o ateliê de design, “Arte Final – Design e Publicidade”, dedicado ao design visual. Também, nesta área, tem muito trabalho concretizado. Aliás, algumas das primeiras obras foram realizadas exatamente na esfera do design gráfico e em tempos anteriores à Revolução de 74, produção que jamais abandonou, sendo autor de uma obra bem significativa, entre a qual avultam criações bem conhecidas, como o maço de tabaco “Português Suave” ou a embalagem para cigarrilhas “Real Feytoria”.

O trabalho de António, na esfera do cartoon, tem ainda outras extensões, nomeadamente na sua divulgação, quer a nível nacional, quer internacional, sendo de citar o marcante certame que organiza anualmente no município onde nasceu, o Cartoon Xira, que expõe o melhor que de caricatura se publicou em Portugal a cada ano e homenageia ainda um cartoonista de relevo mundial. É, também, o responsável pela coordenação e organização do World Press Cartoon, de que é fundador, um dos mais relevantes fóruns mundiais de exposição e divulgação desta forma de Arte e de Jornalismo.

Está-se perante um caso de um cartoonista muito ativo, com uma produção já muito longa e significativa, a fazer cinquenta anos como profissional, que passou por várias polémicas, algumas, como a do New York Times, de relevância mundial, mas um cartoonista sem polémicas é, objetivamente, um cartoonista medíocre. Através dos seus cartoons lutou sempre pelo que acreditava, nomeadamente pela Democracia, pela Justiça e pela Liberdade. Foi muitas vezes incompreendido, outras tantas galardoado e reconhecido, mas agitou sempre as consciências de todos quantos viram os seus cartoons, não deixando ninguém neutro, ou indiferente. Importa, por fim, afirmar a relevância da sua obra como criador e artista que é, como se considera ficar provado pelo presente texto. Resta esperar pelas próximas polémicas, que as suas obras vão, sem dúvida, protagonizar e aguardar pelos próximos cartoons que continuará a publicar.

Paulo Morais-Alexandre

Académico correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes; Professor Coordenador da Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa; Comendador da Ordem do Ouissam Alaouite (Reino de Marrocos).

Afiliação institucional: Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema, Avenida Marquês de Pombal, 22 B, 2700-571 Amadora, Portugal; Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: pmorais@estc.ipl.pt.

António Antunes

António nasceu em Vila Franca de Xira em 12 de abril de 1953.
Tem o curso de Pintura da Escola Artística António Arroio, de Lisboa.

Iniciou-se no cartoonismo em março de 1974 no jornal República e é colaborador permanente do semanário Expresso desde o final de 1974.

Dos prémios recebidos destacam-se:

Grande Prémio do XX International Salon of Cartoons (Montreal, Canadá, 1983)

1º Prémio de Cartoon Editorial do XXIII International Salon of Cartoons (Montreal, Canadá, 1986)

Prémio Gazeta de Cartoon (Lisboa, Portugal, 1992)

Grande Prémio de Honra do XV Festival du Dessin Humoristique (Anglet, França, 1993)

Award of Excellence – Best Newspaper Design, SND – Estocolmo, Suécia (1995)

Premio Internazionale Satira Politica (ex-æquo, Forte dei Marmi, Itália, 2002)

Grande Prémio Stuart Carvalhais (Lisboa, Portugal, 2005)

Prix Presse Internationale (Saint-Just-le-Martel, França, 2010)

Prémio Gazeta de Mérito (Lisboa, Portugal, 2018)

Realizou exposições individuais em Portugal, Brasil, Alemanha, Espanha, França, China e Holanda.

Integra as antologias: The 1970s, best political cartoons of the decade, McGraw-Hill, PaperBacks, New York; The Finest International Political Cartoons of our Time, Wittyworld Books, USA, 1992; The Finest International Political Cartoons of our Time II, Wittyworld Books, USA, 1993; Cartoonometer, Wittyworld Books, USA, 1994.

Autor de "Figuras de Lisboa", 50 caricaturas de personalidades relevantes da vida política, cultural e artística da cidade, realizadas em pedra encastrada, que constituem a animação plástica da Estação "Aeroporto" do Metropolitano de Lisboa.

É comissário do Cartoon Xira e director do World Press Cartoon.

Condecorado em 2005, pelo presidente da República Portuguesa, Jorge Sampaio, com a Ordem do Infante Dom Henrique, no grau de Grande-Oficial.

Condecorado em 2023, pelo presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, com a Ordem da Liberdade, no grau de Comendador.



Internacional

MA



1979 - Khomeini



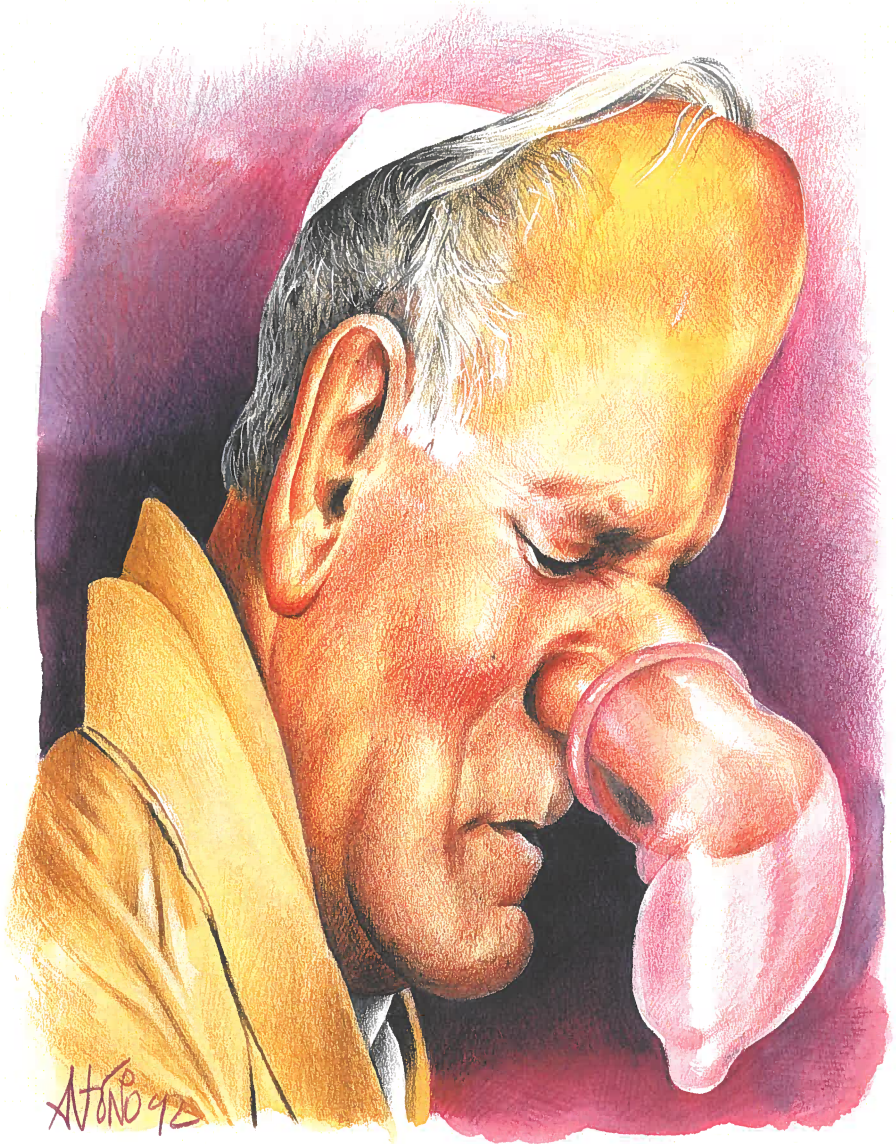
1982 - O gueto Varsóvia em Shatila



1985 - Gorbachov



1992 - A vaca da economia



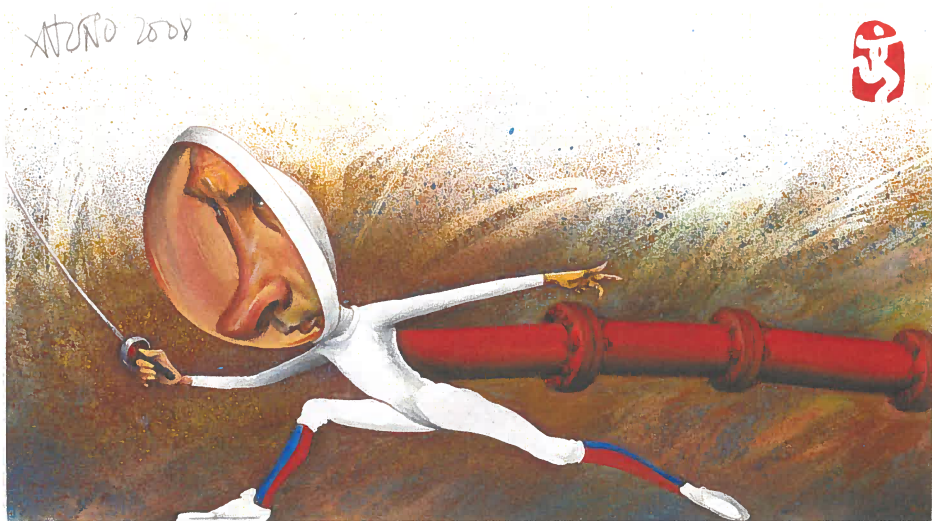
1992 - Preservativo papal



2002 - A Fábula do Polvo e da Lula



2005 - A vaca europeia



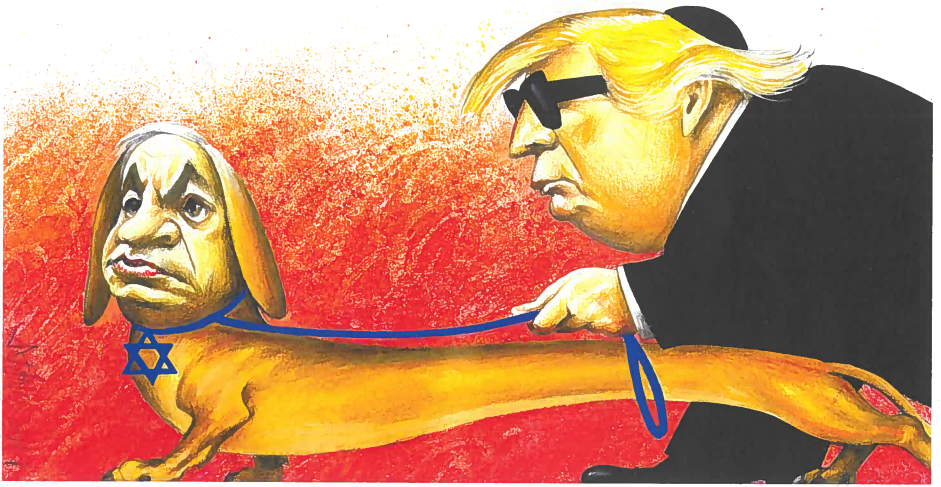
2008 - A esgrima russa



2010 - Made in North Korea



2019 - A Rota-da Seda



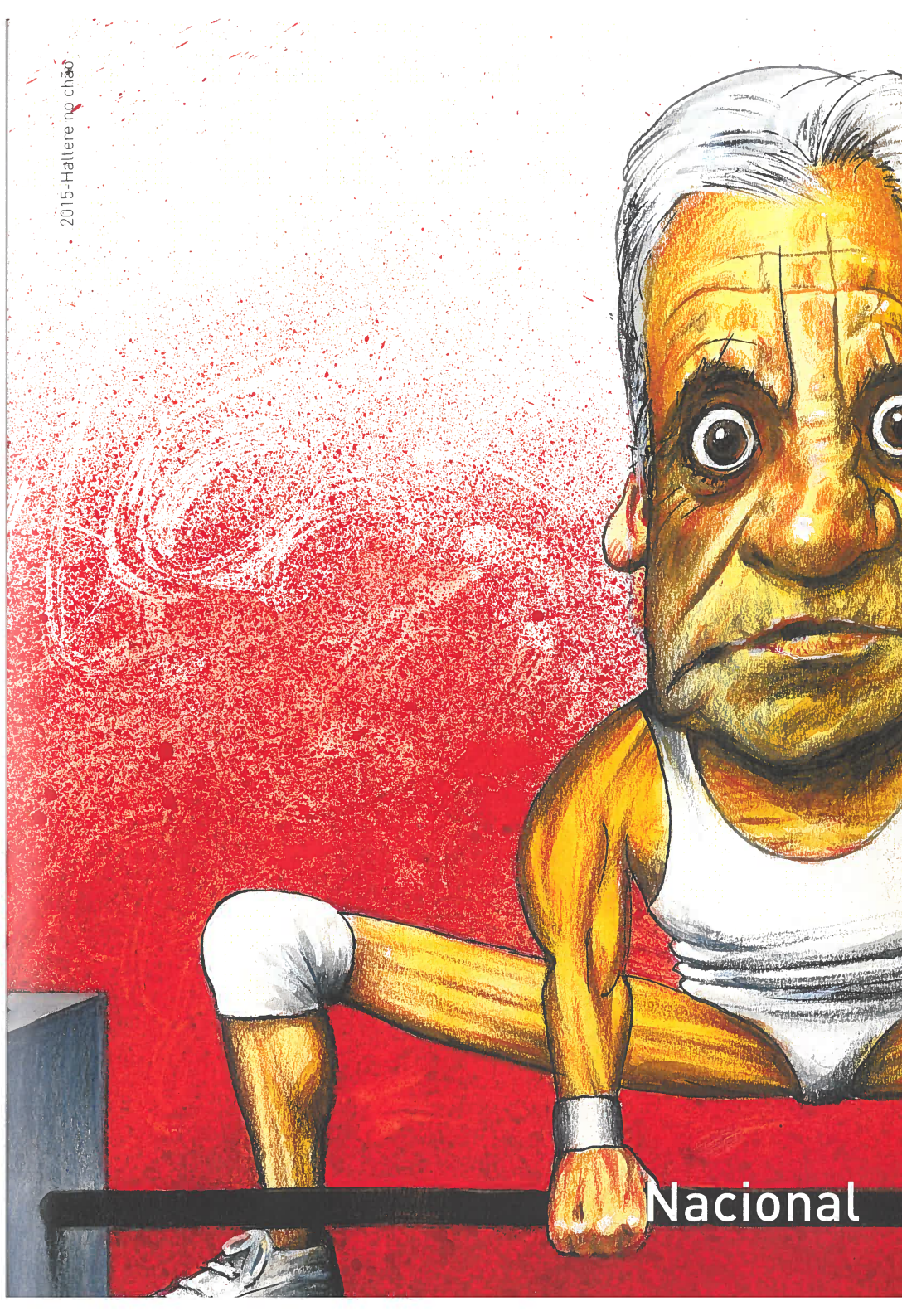
2019 - Pax canina



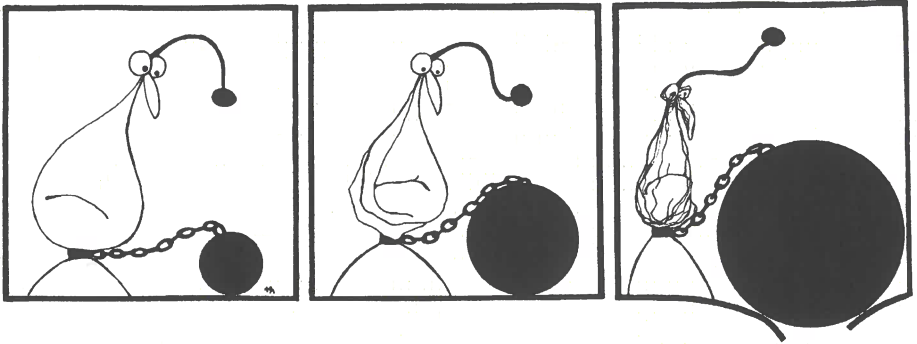
2022 - Aquele abraço...



2022 - O czar fumegante



Nacional



1974 - Evolução na continuidade



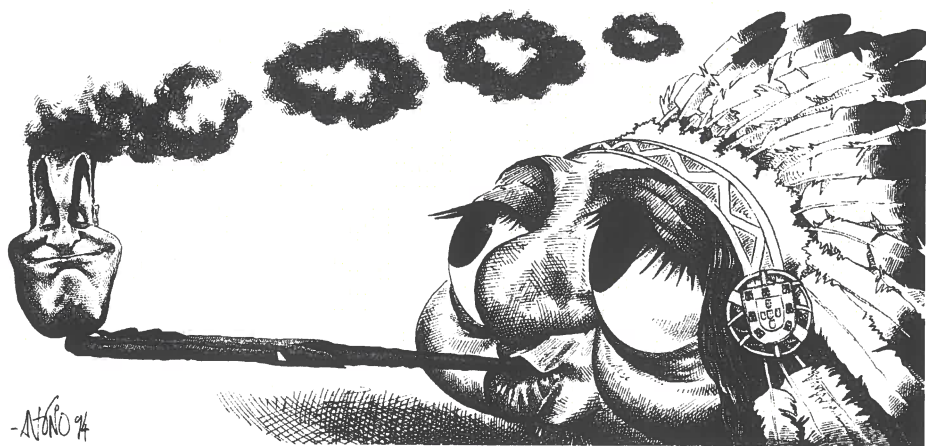
1978 - A rendição do Carmo [D'après Velasquez]



1983 - Museu do Cinema



1990 - Momento infeliz



1994 - O cachimbo da paz



2000 - Saboreando o queijo



Isto não é um saco azul

AVENDO 2003 + WOLFGANG

2003 - Isto não é um saco azul



2006 - O madeireiro

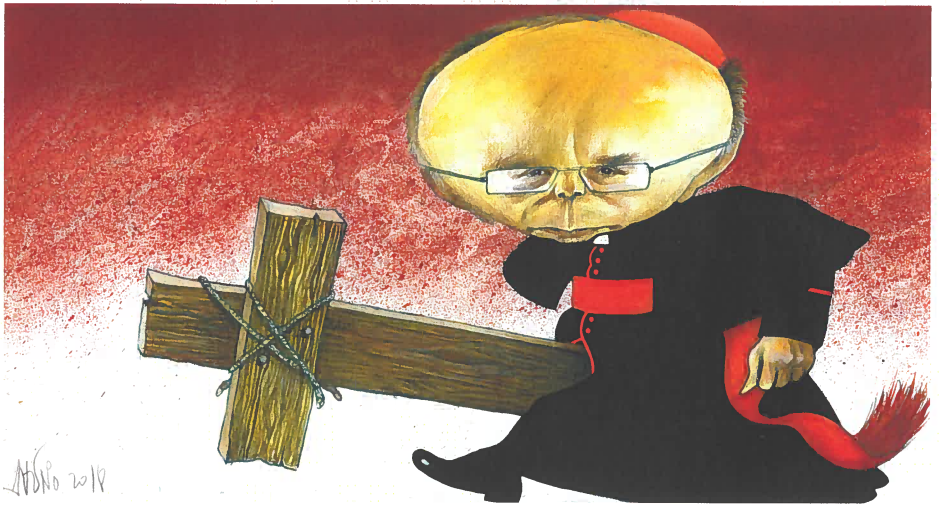


2009 - Yellow submarines



Atômico 2015

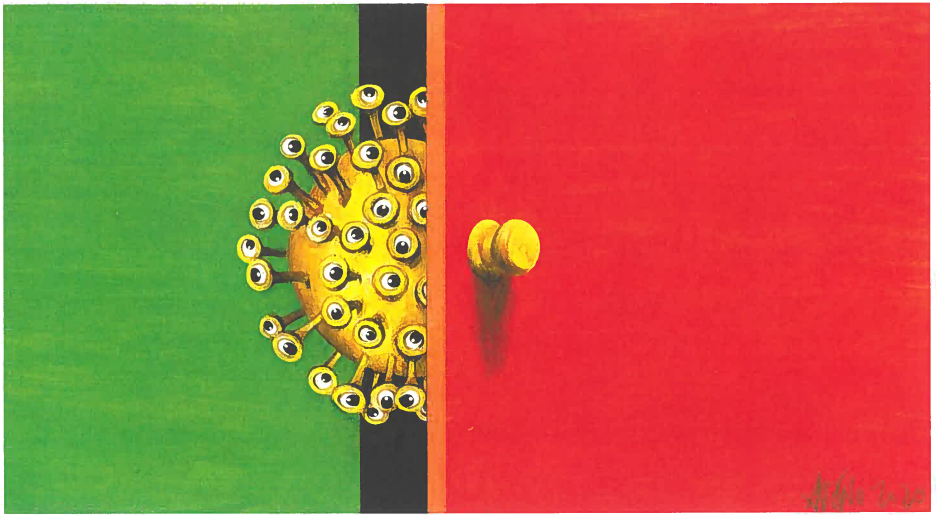
2015 - A geringonça



2018 -Inclemente



2019 - Avante "Democracia"



2020 - À espreita



2022 - 0 incontinate



Exposição de Cartoons
António – O Cartoonista

31 de maio a 14 de julho

Curadoria: Paulo Morais-Alexandre

Coordenação do Espaço Artes do Politécnico de Lisboa: David Antunes

Edição: Politécnico de Lisboa e Escola Superior de Educação de Lisboa

Conceção Gráfica e Paginação: DesignLab4U

Impressão: Gráfica 99

Montagem da Exposição: Ângelo Ramiro, Miguel Serra e Vítor Faria

Horário de abertura do público

2.ª a 6.ª feira das 10h00 às 12h00 e das 14h00 às 19h00

Copyright © António - O Cartoonista
Todos os direitos reservados

CONSULTE ESTA E OUTRAS INICIATIVAS
NA AGENDA CULTURAL DO POLITÉCNICO
DE LISBOA
AGENDACULTURAL.IPL.PT



CONSULTE ESTA E OUTRAS INICIATIVAS
NA AGENDA CULTURAL DO POLITÉCNICO
DE LISBOA
AGENDACULTURAL.IPL.PT



**POLITÉCNICO
DE LISBOA**